

MNAC

FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

Enquanto

Isso //

Meanwhile

13.12.2024—

Dossier
de
Imprensa

2.03.2025

ÍNDICE

SINOPSE DA EXPOSIÇÃO.....	3
BIOGRAFIAS DE ARTISTAS.....	5
ALBERTO CARNEIRO.....	6
ABEL SALAZAR.....	8
ANA MATA.....	10
ANTÓNIO SENA.....	12
ARTUR LOUREIRO.....	15
BEATRIZ HORTA CORREIA.....	17
CLAIRE SANTA COLOMA.....	19
COLUMBANO BORDALO PINHEIRO.....	21
FERNANDO LEMOS.....	23
INÊS TELES.....	25
ISABEL CORDOVIL.....	27
JOÃO LOURO.....	29
JORGE PINHEIRO.....	31
LUÍS PAULO COSTA.....	33
MARIANA MAIA ROCHA.....	35
MARTA CASTELO.....	37
PABLO PICASSO.....	39
PAULA REGO.....	41
PRISCILA FERNANDES.....	43
SOFIA DE SOUSA.....	45
MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	47
FUNDAÇÃO MILLENNIUM BCP.....	48
UMBIGOLAB.....	49
COLÉGIO DAS ARTES.....	50
FICHA TÉCNICA.....	52
INFO.....	54

*Mas é preciso querer nitidamente não fazer nada, não é abandonar-se
ao não fazer nada, é não querer fazer nada mesmo!
Ter a profissão de não querer fazer nada.*

Agostinho da Silva

SINOPSE DA EXPOSIÇÃO

“Preguicemos em tudo, (...), exceto no preguiçar.”

Gotthold Ephraim Lessing¹

O conceito curatorial da exposição ENQUANTO ISSO//MEANWHILE assenta no elogio da contemplação, da pausa e da desaceleração no processo criativo. Remetendo a momentos de repouso, procrastinação e, num movimento próximo do "prefiro não fazer", a mostra revela como esses estados de suspensão fazem parte da jornada artística. O que fica por realizar, o inacabado e os projetos que habitam apenas nos diários ganham protagonismo, sem a pressão da finalização. Aqui, o atelier é visto como um espaço de liberdade e erro, onde o tempo segue o seu ritmo próprio.

Celebra-se, *quasi* como manifesto ou gesto revolucionário, o lazer, o ócio e o recreio como elementos inseparáveis da criação, destacando a ação do artista nas suas suspensões, desvios e paragens.

Ao encarar uma sociedade de consumo imediato cuja produção incessante sufoca a experimentação e o desenvolvimento criativo de ideias, a exposição propõe uma alternativa, onde o repouso reina. Dentro deste contexto, o ato de não fazer², e de permitir que o inacabado flua, adquire uma dimensão poética no decurso artístico.

É a partir desta relação livre com o tempo, que o significado do processo é reformulado, dando destaque à importância da contemplação naquilo que, por vezes, escapa ao olho desatento ou se perde na sombra do quotidiano.

¹ LAFARGUE, P. (2021) Direito à preguiça, p.11, 2º edit. Antígona: Lisboa.

ENQUANTO ISSO//MEANWHILE decorre da investigação realizada pelas alunas do Curso de Mestrado em Estudos Curatoriais do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, em residência curatorial no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), no âmbito da parceria que inclui ainda a Plataforma UmbigoLAB e a Fundação Millennium bcp, colocando em diálogo um conjunto de obras destas coleções, e incluindo a produção de artistas representados na Plataforma online, equacionando o museu como um laboratório vivo e especulativo. Uma exposição que estará patente entre os dias 12 de dezembro de 2024 e 2 de março de 2025 na Galeria Millennium bcp, MNAC.

BIOGRAFIAS DE ARTISTAS

ALBERTO CARNEIRO

ABEL SALAZAR

ANA MATA

ANTÓNIO SENA

ARTUR LOUREIRO

BEATRIZ HORTA CORREIA

CLAIRE SANTA COLOMA

COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

FERNANDO LEMOS

INES TELES

ISABEL CORDOVIL

JOÃO LOURO

JORGE PINHEIRO

LUÍS PAULO COSTA

MARIANA MAIA ROCHA

MARTA CASTELO

PABLO PICASSO

PAULA REGO

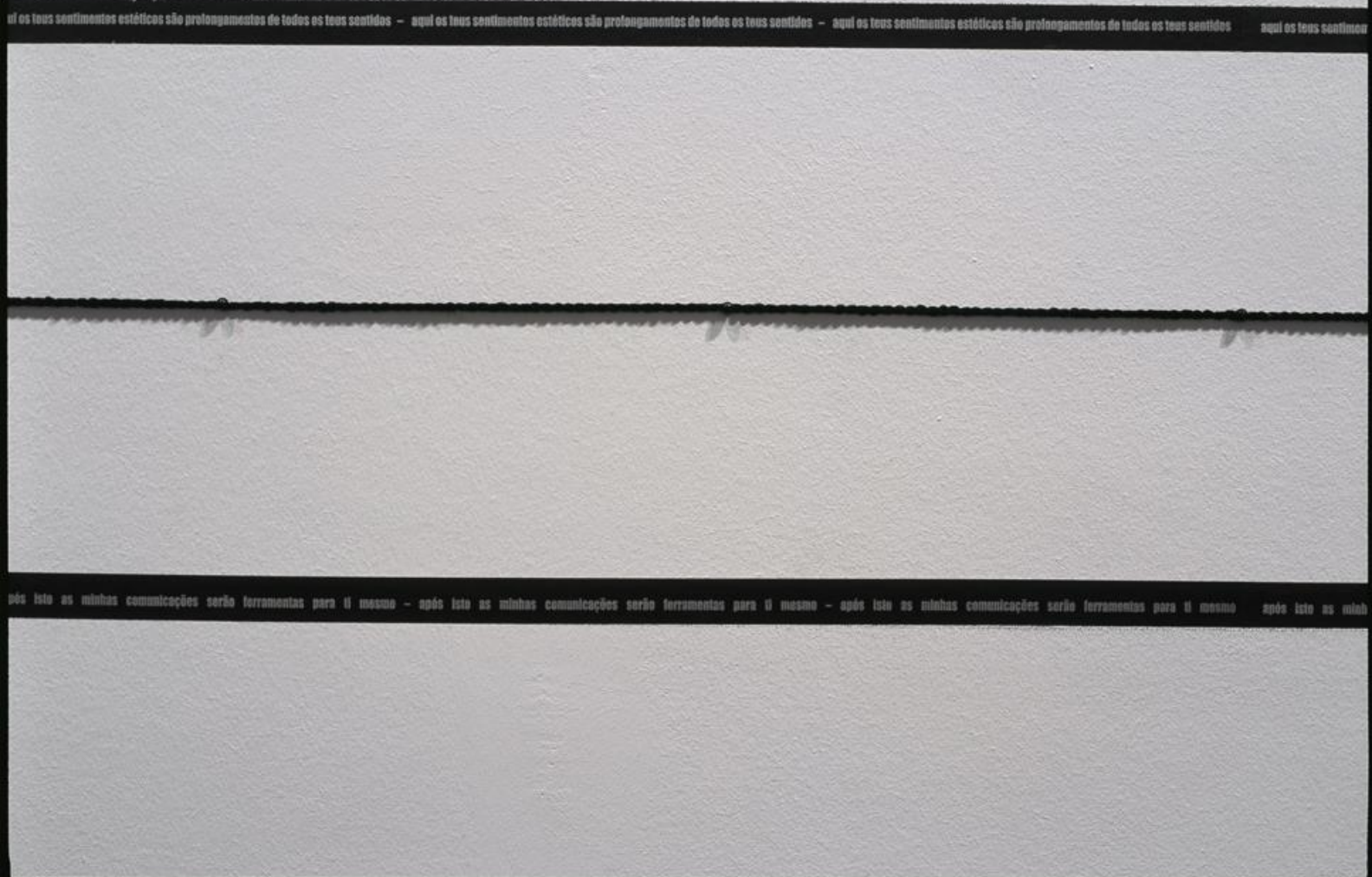
PRISCILLA FERNANDES

SOFIA DE SOUSA

ALBERTO CARNEIRO

(1937 - 2017) Cresceu em São Mamede do Coronado, aldeia no norte de Portugal, com forte tradição na talha de santos em madeira, sendo neste contexto que se inicia na escultura. Após concluir o curso de Escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1966), recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e fez uma pós-graduação na *Saint Martin`s School of Arts*, em Londres (1968-1970). As suas primeiras obras são em talha direta em madeira e têm um forte carácter formal. No entanto, os seus trabalhos rapidamente evoluem para pesquisas mais conceptuais. A partir de 1968 começa a atuar no campo de manifestação da *Land Art*, explorando as ideias de “natureza” e “corpo” e refletindo acerca da condição do humano na relação ética e estética com o mundo que habita. Nesta altura passa a encarar os seus trabalhos como “arte ecológica”. Nos anos de 1980 realiza esculturas e desenhos em que explora os espaços vazios como algo dinâmico na espacialidade das obras e do corpo. Surge então uma preocupação com o tratamento do espaço real e com o aproveitamento das propriedades expressivas da matéria, dando-se um “regresso” à escultura, não num sentido clássico, mas enquanto ato. Realizou numerosas mostras individuais e participou em importantes certames artísticos internacionais, entre os quais as Bienais de Veneza (1976) e de S. Paulo (1977). Foram realizadas quatro importantes exposições antológicas da sua obra, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Casa de Serralves (1991), no Museu Nacional Machado de Castro (2000), no Centro Galego de Arte Contemporânea (2001) e no Museu de Arte Contemporânea do Funchal (2003).

Joana Baião, [Site MNAC]



ALBERTO CARNEIRO

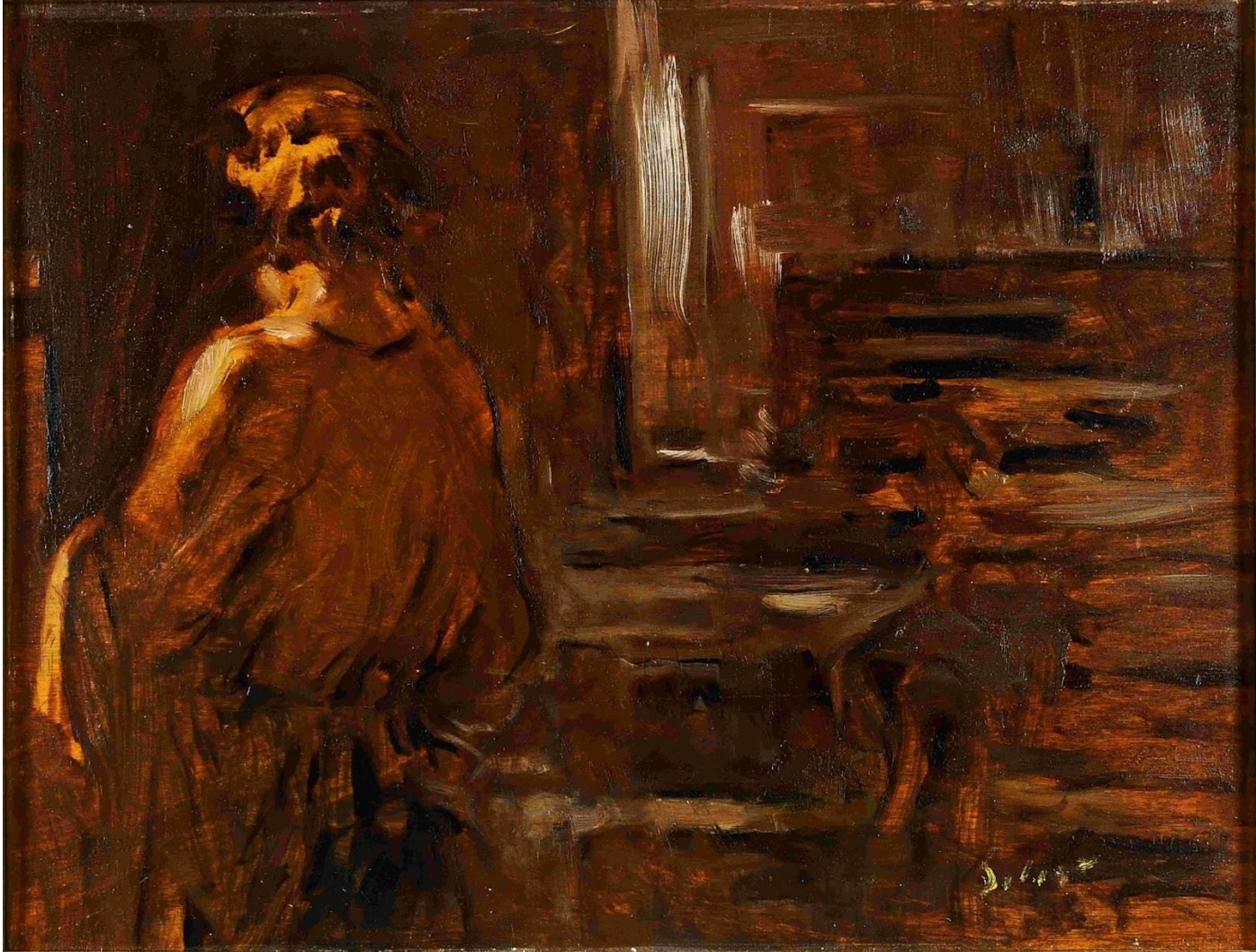
Uma linha para os teus sentimentos estéticos, 1970-1971. Texto impresso, alfinetes e corda.

Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

ABEL SALAZAR

(1889 – 1946) Médico e professor catedrático da Universidade do Porto, Abel Salazar seria também reconhecido pela sua atividade como pintor, ensaísta, historiador e crítico de arte. Entre 1909 e 1915, frequenta o curso de Medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Em 1918, é nomeado professor catedrático de Histologia e Embriologia na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde funda e dinamiza o Instituto de Histologia e Embriologia. Nos anos seguintes o seu trabalho científico é alvo de reconhecimento mundial, através da publicação de artigos em revistas estrangeiras e da participação em congressos. Um esgotamento leva-o a afastar-se da Universidade em 1928. Retorna à atividade quatro anos depois e, embora encontre o Instituto que fundara em estado de abandono, volta a impulsionar o laboratório. Em junho 1935, é afastado da Universidade e do Instituto por motivos de índole política. O afastamento da vida académica potencia a Salazar uma maior dedicação à atividade artística que já vinha desenvolvendo. Autodidata, a sua formação estética gera-se independentemente de escolas ou correntes artísticas, embora seja marcada por um gosto de herança naturalista, a que alia uma forte componente de análise da realidade que o rodeia. As suas obras retratam trabalhadores em contexto urbano e rural, em composições dramáticas marcadas pelo intenso uso da mancha, e claramente imbuídas de um sentido de crítica social. Em 1938 e 1940, realiza em Lisboa e no Porto exposições individuais que lhe granjeiam a admiração do público e, em 1947, um ano após a sua morte, a sua obra plástica é homenageada na II Exposição Geral de Artes Plásticas.

Joana Baião, [Site MNAC]



ABEL SALAZAR
Cena de interior, séc. XX. Óleo sobre tela.
Coleção Millennium bcp.

ANA MATA

(1980, Setúbal) Vive e trabalha em Lisboa e Proença-a-Nova. Doutorada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (e também licenciada e mestre da mesma instituição), leciona Pintura enquanto docente convidada desde 2010.

Expõe regularmente desde 2002, tendo realizado 7 exposições individuais no Módulo – Centro Difusor de Arte, e coletivas, das quais se destacam, em 2010 a exposição *Res Pública, 1910 e 2010 face a face*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; *Livros de Artista de Artistas Mulheres*. Fundação Calouste Gulbenkian, em 2021; *Não sei se lhe posso desejar um Feliz Ano. Obras da coleção Mário Teixeira da Silva*, Museu Nacional de Arte Contemporânea, em 2022.

Ninfas e Faunos foi a primeira exposição individual realizada na Galeria 111, que atualmente representa o seu trabalho.

A sua obra integra coleções privadas e públicas como a Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português, a Coleção de Livros de Artista e Edição Independente, Fundação Calouste Gulbenkian, o Fundo de Aquisições de Arte Contemporânea da Câmara de Lisboa, a Coleção Mário Teixeira da Silva, a coleção Manuel de Brito, Lisboa, a Fundação Ilídio Pinho, Porto, a coleção de António Cachola, Campo Maior, a Fundação Carmona e Costa, Lisboa, entre outras.

Ana Mata



ANA MATA

Sem título, 2023, acrílico e óleo s/ tela.

Coleção privada. Cortesia da Galeria 111.

ANTÓNIO SENA

(1941 - 2024) Natural de Lisboa, estuda no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Ciências de Lisboa. A via artística acaba, contudo, por vir a ser a sua vida, iniciando a formação nos cursos de Gravura na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. É como bolseiro da FCG que, em 1965, parte para Londres para estudar na St. Martin's School of Art (1965-66).

Permanecerá em Londres até 1975. Após o seu regresso a Portugal, ocupa-se também da docência, como professor de Pintura no Ar. Co, de 1978 a 1992. A partir desse ano, dedica-se exclusivamente à atividade plástica. Expondo desde 1964, e tendo sido objeto de duas exposições mais abrangentes (“António Sena. Pintura”, CAM/FCG, 2002, e “António Sena: Pintura, Desenho 1964-2003”, primeira retrospectiva, no Museu de Serralves, em 2003) a sua obra, premiada, nacional e internacionalmente, encontra-se representada em diversos museus no país e no estrangeiro.

Durante a estada londrina, o seu trabalho reflete influências da Pop Art, tanto no tratamento da cor, como nos conteúdos e técnicas. No final da década, porém, essa linguagem altera-se, dando lugar a uma grafia íntima, de automatismo gestual. Ao longo das décadas seguintes, o trabalho foi passando por fases em que incorporou aspetos de uma linguagem projetual, incluindo letras, números e o seu próprio nome, além de gráficos, códigos de barras, alvos, etiquetas, palavras soltas, frases inteiras ou até textos mais completos e complexos, numa relação próxima entre caligrafia e desenho.

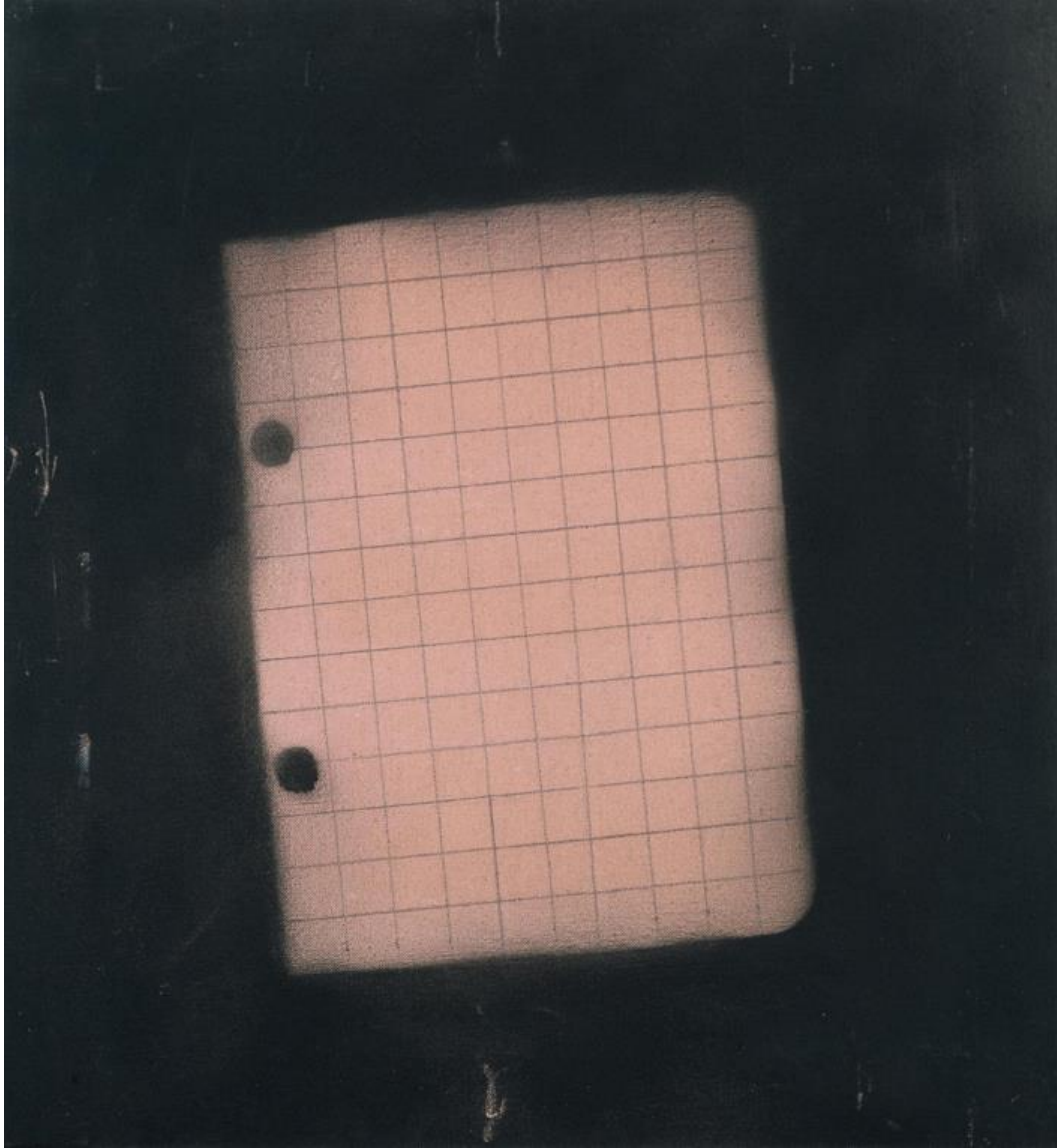
As telas, por vezes de fundo negro ou com outras cores muito escuras, sugeriam ardósias escolares, em que a escrita e o apagamento se sobrepunham, numa saturação da imagem.

O mistério desse universo plástico, que não era facilmente legível, era adensado pela inclusão de palavras ou frases em línguas estrangeiras. O seu trabalho da cor oscilou também entre telas mais vibrantes, cheias de luz, e outras de cores mais profundas e térreas que sugeriam também uma relação com o início histórico da

escrita, em placas de argila, opção que o artista aprofundou a partir da década de 1990.

Nos últimos anos da sua vida, António Sena deixou de pintar, dedicando-se apenas ao desenho.

Emília Ferreira, [Site MNAC]



ANTÓNIO SENA

Pintura I, 1973, acrílico sobre tela.

Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

ARTUR LOUREIRO

(1853 - 1932) Estudou pintura na Escola de Belas-Artes do Porto e apesar de perder o pensionato do Estado no estrangeiro em 1873, a favor de Silva Porto, tal como a pensão de Roma, em 1875, anulada nesse ano em favor de José Malhoa, consegue um subsídio do Conde de Almedina e parte para Itália, em 1876. Frequenta a Academia Romana e trabalha no *atelier* de Francisco Pradilla.

Já em Lisboa, em 1879, obtém o pensionato de estudo em França, após acesa polémica na imprensa periódica, entre Ramalho Ortigão, seu defensor, e Miguel Lupi. Segue para Paris, onde é discípulo de Cabanel e dedica-se à pintura de ar livre, influenciado pela Escola de Barbizon. Convive com os artistas portugueses em Paris, especialmente Columbano, mas também António Ramalho, Marques de Oliveira, Sousa Pinto, Silva Porto, João Vaz, e ainda Bastien Lepage e Henri Pautin.

Todos expõem nos *Salons* de 1880 – 81 – 82 e durante estes anos Artur Loureiro expõe também na Sociedade Promotora, em Lisboa. Vive em Brolles, a partir de 1882, onde conhece uma jovem pintora australiana, modelo do seu quadro *Descanso da artista*, exposto em Londres e muda-se para a Austrália, em 83. Em Melbourne, é professor no *Presbyterian Ladies College* e inicia uma nova fase com influências da Arte Nova e dos Pré-rafaelitas, que observara em Londres. Regressa ao Porto em 1901, instala *atelier* no Palácio de Cristal, onde também ensina, e desloca-se frequentemente ao Gerês para pintar.

Maria Aires Silveira, [Site MNAC]



ARTUR LOUREIRO

O Repouso da Artista, 1882. Óleo sobre tela.

Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

BEATRIZ HORTA CORREIA

Beatriz Horta Correia (1962), vive e trabalha em Lisboa.

Estudou Design e Cerâmica no IADE e Desenho no Ar. Co.

Desde 1983 trabalha em projetos de design na área de edição, cartaz, embalagem, ilustração, identidade corporativa, merchandising, produto e exposições principalmente no âmbito de atividades culturais, para Museus, Monumentos e outras instituições.

Desenvolve trabalho artístico em desenho, escultura e fotografia. A natureza, a paisagem, o silêncio, o vazio ou o efémero são temas recorrentes. Os livros, a escrita, a palavra são também campos de trabalho que aborda, seja pelo seu conteúdo ou na sua forma enquanto matéria e objeto, estrutura e grafismo.

O seu trabalho encontra-se representado em coleções públicas e privadas. Foi bolsista da Fundação Oriente em 2019. E recebeu vários prémios ao longo do seu percurso artístico, tais como o Prémio Revelação VI Bienal de Arte Vila Nova de Cerveira, 1988; The European Design Annual 5 – Certificate of Excellence, 2000; Prémio Design Briefing Merchandising – Linha de Papelaria Álvaro Siza, Fundação Serralves, 2005; Red Dot Award Communication Design, 2012.

Expõe regularmente desde 2007.

Beatriz Horta Correia



BEATRIZ HORTA CORREIA
Fólios, 2020. Paperclay,
Cortesia da Artista.

CLAIRE SANTA COLOMA

Claire de Santa Coloma (1983, Argentina) vive e trabalha em Buenos Aires. A sua obra escultórica incide sobre questões formais, que pretendem focar-se na primordialidade da matéria (que é quase sempre a madeira) e no tema da escultura em si. A economia de materiais é um dos princípios regentes na sua prática, muitas vezes ditando a forma do objeto final. A relação entre o espectador e a escultura é outra camada importante na leitura da sua obra, tendo sido, conceptualmente, o fio condutor das suas últimas exposições individuais. Estudou escultura de talha direta nos Ateliers Beaux Arts de la Ville de Paris. Simultaneamente, obteve o mestrado de investigação em Artes Plásticas na Universidade La Sorbonne, Paris. Entre 2007 e 2009 foi artista residente na Casa de Velázquez em Madrid. Entre 2009-2010 frequentou o programa de Estudos Independentes da MAUMAUS, em Lisboa, com o qual participou na 29a Bienal de São Paulo. Em 2010, participou na residência La Belle Alliance (Metropole), no Goethe Institute de Lisboa. Em 2017 é convidada para integrar o programa de Lisboa Capital de Cultura Ibero Americana com uma residência nos ateliers dos Coruchéus e um projeto a apresentar na galeria Quadrum. No mesmo ano, vence o Prémio Novos Artistas Fundação EDP (Lisboa, 2017). Expõe regularmente desde 2008.

Claire Santa Coloma



CLAIRE SANTA COLOMA
Sem título, 2021. Laranjeira de Osage e Tília.
Cortesia da Galeria 3+1, e da artista.

COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

(1857 - 1929) A sua formação artística desenvolveu-se num ambiente familiar, entre os estudos de pintura holandesa e flamenga, exigidos pelo pai, o artista Manuel Maria Bordalo Pinheiro e o contacto com o realismo, sob influência do seu irmão mais velho, Rafael Bordalo Pinheiro. Aluno pouco assíduo da Academia de Belas-Artes de Lisboa, Columbano estreou-se nas exposições da Sociedade Promotora das Belas-Artes com pequenos quadros de género, na década de 70. Em 1880, obtém o pensionato particular da Condessa d'Edla para uma estada em Paris, depois de ser preterido em dois concursos do Estado. Antes de partir, realiza um conjunto de pinturas, importantes pela observação crítica e irónica de ambientes burgueses portugueses e realiza, já em Paris, *Concerto de Amadores*, obra intimista de grandes dimensões, recusada no salão da Promotora de 1883 e mal-entendida por uma crítica artisticamente pouco preparada. Em Lisboa, regista a camaradagem do *Grupo do Leão*, 1885, num grande retrato coletivo, centrado na figura do mestre da geração naturalista, Silva Porto. Realiza várias decorações em palacetes particulares, como o Valenças, Museu de Artilharia e sala dos Passos Perdidos da Assembleia da República, onde regista, em vastos painéis, um interessante conjunto de políticos contemporâneos que associa a figuras marcantes da História de Portugal. Dedicar-se preferencialmente ao retrato de amigos e familiares, nos anos 80, numa paleta de tonalidades claras, que posteriormente escurece, nos retratos de intelectuais portugueses, já na viragem do século, numa característica pintura em mancha e tonalidades, terminando numa obsessiva preocupação pelo tratamento da luz que desmaterializa a figura. Pioneiro do realismo, a obra de Columbano referencia artistas como Velázquez, Rembrandt, Manet, Degas, Courbet, Fantin-Latour. Amigo de Sargent, próximo da estética do alemão Leibl, Columbano constrói uma original modernidade.

Maria Aires Silveira, [Site MNAC]



COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

Estudo de gatos e auto-retrato, 1989. Grafite sobre arte.

Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

FERNANDO LEMOS

(1926 - 2019) Pintor, escultor, designer e poeta. Iniciou a sua atividade artística ligada ao Movimento Surrealista no início da década de 50, altura em que se dedicou de forma mais consistente à fotografia, tendo exposto pela primeira vez na Casa Jalco (1952), em Lisboa, conjuntamente com Marcelino Vespeira e Fernando Azevedo. Em 1953, na Galeria de Março, em Lisboa, expôs individualmente o seu trabalho fotográfico na mostra *Fotografia de Várias Coisas*. A sua obra fotográfica foi praticamente produzida no espaço de sete anos, entre 1946 e 1952, enquadrada na estética e no léxico fotográfico surrealista, utilizando temas e técnicas próprias daquele movimento, como a sobreposição, a dupla exposição, manipulação do negativo, solarização, entre outros. O conjunto da sua obra fotográfica, além da vertente de exploração surrealista, engloba já manifestações de sentido abstratizante e constitui uma incursão única da prática fotográfica no contexto do Modernismo português. Em 1953, dececionado com a situação cultural e política do país, parte para o exílio no Brasil onde fixou residência permanente. Dedicou-se então à pintura, ilustração, tapeçaria e ao design. Em 1999, um conjunto das suas obras fotográficas integrou a coleção do MNAC, por doação da empresa A. T. Kearney Portugal, inaugurando desta forma, tardiamente, a representação da tipologia fotográfica nas suas coleções. Está representado em diversas coleções nacionais e internacionais e permanecerá na história da arte portuguesa do século XX como um dos seus representantes mais vanguardista, multifacetado e talentoso.

Emília Tavares, [Site MNAC]



FERNANDO LEMOS

Teatro de Atelier, 1950. Provas fotográficas em gelatina sal de prata, impressões de época.

Coleção do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

INÊS TELES

(Évora, 1986) vive e trabalha em Lisboa. Expõe o seu trabalho em contexto nacional e internacional. Concluiu a pós-graduação na Byam Shaw, CSM e o mestrado na Slade School of Fine Art – UCL, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Atualmente é bolsista da FCT, no programa de doutoramento em Escultura na FBAUL, com o título “Materiais mutáveis, experimentação circular” e é colaboradora do centro de investigação Vicarte. Participou em várias exposições e em 2018 entrou no 11.º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, na 6.2 Biennale JCE 2017-19 e no programa curatorial de arte pública de Gabriela Raposo, “10.10.10 Arte entre cidades”, Alenquer.

Em 2019, foi selecionada para o Prémio Internacional Fundación Maria José Jove 2019, Corunha, ES e obteve o Apoio a Projetos – Criação, da Direção-Geral das Artes para a intervenção pública Walk the curve, um projeto em co-autoria com Ayelen Peressini.

A sua obra está presente em coleções particulares em Portugal, França, Reino Unido, Espanha, Chile e EUA. Em Portugal, na Coleção da Oliva Creative Factory, São João da Madeira; Coleção Joaquim Ferro; Coleção Museu da Carris; Coleção Fernando Ribeiro; Coleção Marin Gaspar; Coleção S&A Porto; Coleção Eduardo Rosa. Em Espanha, na Colección Fundación DIDAC. Em França, na Collection Coquillade e, na Hungria, National Gallery of Budapest.

Inês Teles



INÊS TELES

Abdicar do fim, 2023, Geoformações em água, cristais e seixos, faiança e cola PVC, silicone s/ estrutura de madeira, esferovite, cera de abelha, água, sementes de linhaça, cristais e seixos de sílex.

Cortesia da Artista.

ISABEL CORDOVIL

Isabel Cordovil nasceu em Lisboa, 1994, onde vive e trabalha. Completou a sua educação entre a HEAD Geneva University of Art and Design, Suíça, a Athens School of Fine Arts (Erasmus), Grécia, a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e a Central Saint Martins, University of Arts London, UK (foundation for art and design).

Das suas exposições individuais destacam-se A PLACE CALLED UNDER, 2024, Cisterna de Elvas; A VAIDADE PRAGA-ME, 2024, Galeria Municipal de Almada; DOS COSAS TAN DESIGUALES, 2024 na Galeria Pedro Cera em Madrid; MATTER IS SOVEREIGN, 2022, Galeria Uma Lulik, Lisboa; A HOLE IN THE SHAPE OF GOD, 2022, Lièvre, Basileia, Suíça; THE SUNLIGHT WILL BREAK THE PARTY, Rua das Gaivotas 2022, Lisboa; DAY RAVE - NATURE IS HEALING, 2020 Al-vista, Zurique; COMO ÁGUA NA ÁGUA, 2019, Egeu, Lisboa; UNTITLED (A TALE OF TWO BODIES), 2019, OKO, Genebra. Participou, ainda, em múltiplas exposições coletivas.

A sua obra faz parte de coleções como Culturgest, Coleção de Arte Contemporânea do Estado, MACAM - Museu de Arte Coleção Armando Martins, Coleção António Cachola, Coleção Norlinda e José Lima, Coleção Santander Artistas Emergentes, entre outras.

Isabel Cordovil



ISABEL CORDOVIL

Full moon drying, 2022, inkjet print on paper.

Cortesia da artista e da Galeria Pedro Cera.

JOÃO LOURO

João Louro nasceu em Lisboa em 1963, onde vive e trabalha. Estudou arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e Pintura na Escola Ar.Co. O seu trabalho engloba pintura, escultura, fotografia e vídeo.

Herdeiro da arte minimal e conceptual, tem uma atenção especial às vanguardas do início do século XX. O seu trabalho traça uma topografia do tempo, com referências pessoais, mas, sobretudo, geracionais. Utiliza como fonte recorrente a linguagem, a palavra escrita, e procura fazer uma revisão da imagem na cultura contemporânea, a partir de um conjunto de representações e símbolos do universo visual coletivo. O minimalismo, conceptualismo, a cultura pop, o estruturalismo e pós-estruturalismo, autores como Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille, Maurice Blanchot ou artistas como Donald Judd ou Barnett Newman, formam o seu léxico de referência.

Em 2005, participou na exposição Experiência da Arte, no Pavilhão Itália, na 51ª Bienal de Veneza com curadoria de Maria de Corral. Também em 2005, participou no projeto Insite 05 – Art Practises in Public Domain em San Diego (EUA) / Tijuana (México).

Foi o representante de Portugal na Bienal de Veneza de 2015 com a exposição I Will Be Your Mirror | Poems and Problems.

João Louro



Revolution©

JOÃO LOURO

Revolution, 2001. Néon.

Coleção privada. Cortesia do Artista.

JORGE PINHEIRO

(1931, Coimbra) Formou-se em Pintura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto com a nota final de 20 valores, ingressando de seguida no seu corpo docente. Começa a expor em 1954 e a título individual partir de 1958. Em 1968 junta-se a outros colegas que obtiveram a mesma classificação final de curso, constituindo o grupo *Os Quatro Vintes* (até 1972). A sua produção inicial é marcada pela figuração, que se enquadra, formalmente, no Expressionismo. No entanto, depois de duas experiências no estrangeiro, apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, visitando, em 1966, vários países da Europa e estudando Semiótica da Pintura em Paris (1969-1970), a sua produção segue pela via do abstracionismo, influenciada pelas novas tendências artísticas internacionais – *Pop Art*, *Op Art*, Arte Cinética e Minimalismo. As suas obras definem-se, então, por campos cromáticos que introduzem uma abordagem mais objetual, lúdica e dinâmica da pintura, que abandona o seu formato tradicional para se desenvolver em formulações variadas. Ainda nos anos 70, dá-se o regresso à figuração em relação com a temática da religiosidade e do misticismo, que acompanha a recuperação da bidimensionalidade da pintura, mas mantendo a cor como elemento determinante da composição ao mesmo tempo que afirma um desenho rigoroso das figuras. A sua obra tem sido premiada nacional e internacionalmente. Entre os diversos prémios constam: Certificat of the International Board for Young People (1973), Prémio Gouvernement Princier de Mônaco (1989) e o Prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte (2003). Em 2002, a Fundação Calouste Gulbenkian organizou uma exposição retrospectiva da sua produção.

Leonor Oliveira, [Site MNAC]



JORGE PINHEIRO

Sem título (Estudo III), 1990. Papel, Tinta-da-china s/papel.

Coleção Millennium bcp.

LUÍS PAULO COSTA

Nascido em 1968. Vive e trabalha em Lisboa e S. José das Matas.

Residência artística na Krinzinger Projekte em Viena, Áustria, 2020.

A prática da pintura é um elemento central na sua obra. O seu trabalho inscreve-se num território onde a visibilidade e a invisibilidade não são lugares estáveis e definitivos, o que se vê pode ser afinal outra coisa. A pintura desenvolve-se como um corpo, uma pele que se esconde e se mostra simultaneamente. Conceitos como simulacro, antecipação, desilusão e inacessibilidade são transversais à sua obra. As suas pinturas, muitas vezes incorporadas de forma escultórica, parecem apresentar-nos as coisas na sua realidade silenciosa, inacessível à mediação e, por isso, as suas obras parecem sempre apresentar a construção de uma espécie de silêncio necessário. Expõe regularmente desde 1999.

Está representado em várias coleções públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro. Em Portugal, destacam-se as coleções da Fundação de Serralves – Museu de Serralves, Fundação EDP, MAAT; Coleção de Arte Contemporânea do Estado; Coleção Manuel de Brito; Coleção Figueiredo Ribeiro; Fundação Leal Rios; Coleção Teixeira de Freitas; Coleção António Albertino; Coleção MG; Coleção Norlinda e José Lima; Coleção SILD; Coleção Alberto Caetano: e a Coleção José Carlos Santana Pinto. No estrangeiro, salientam-se as coleções do Museu Marta Herford, na Alemanha; Bruno Spaas, Bélgica; e, nos Estados Unidos da América, as de Fred and Nancy Poses, e a de Genny Selmo Nissenbaum.

Luís Paulo Costa



LUÍS PAULO COSTA
Meanwhile, 2017 - 2021. Acrílico sobre Bronze.
Cortesia da Galeria 111, e do artista.

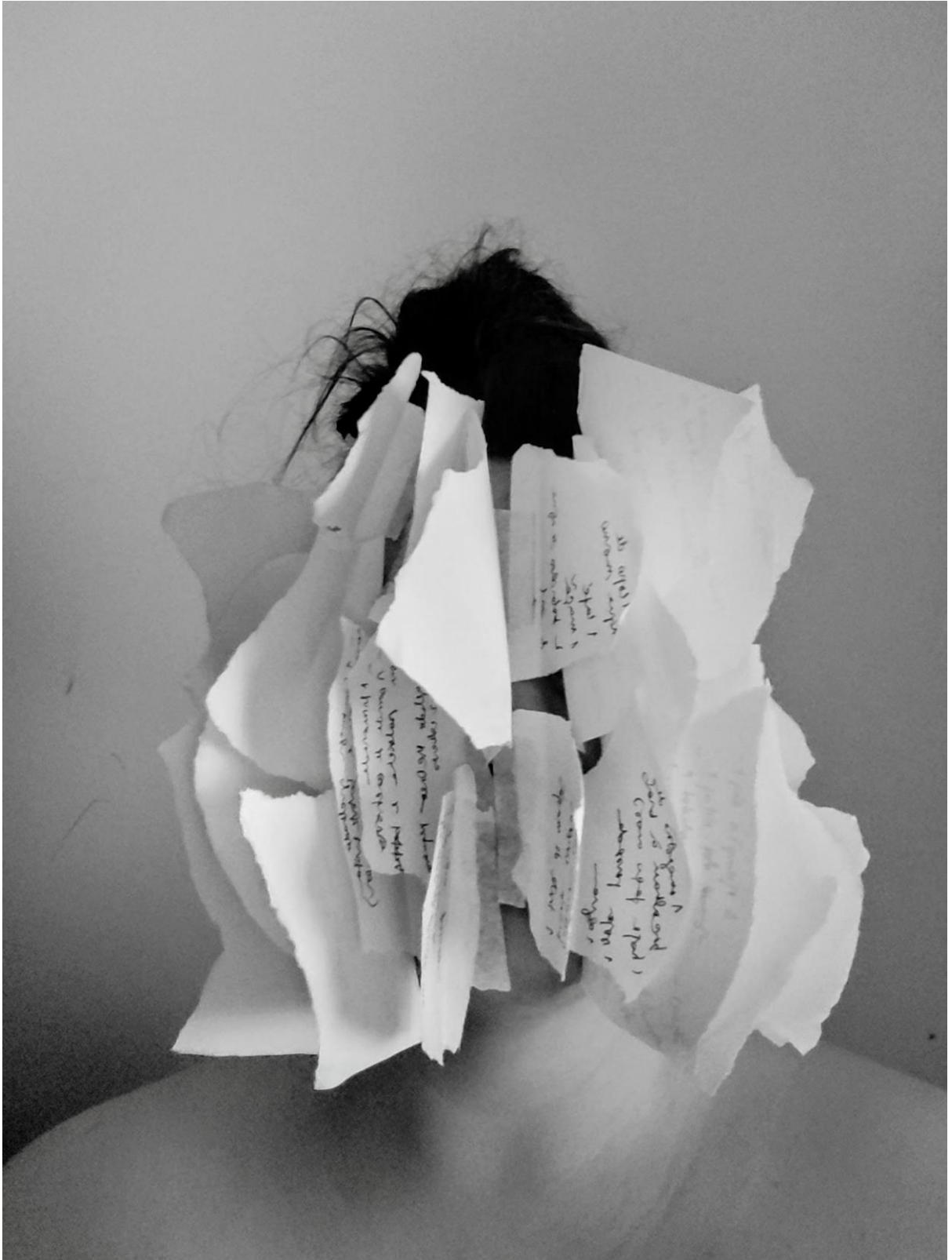
MARIANA MAIA ROCHA

Mariana Maia Rocha (Porto, 2000). Artista Plástica. Bolseira ‘Gulbenkian Novos Talentos 2023/2024’, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Mestranda de Artes Plásticas na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Em 2024, é distinguida pela Fundação Calouste Gulbenkian com uma Bolsa de Doutoramento para estudar no estrangeiro. Licenciada em Artes Plásticas – Pintura na FBAUP (2019-2023), distinguida pela Universidade do Porto com o Prémio de ‘Melhor aluna da Licenciatura’, com média final de 19 valores. Recebeu ‘Bolsa de Mérito’ no 2º, 3º e 4º anos como melhor aluna do curso de Artes Plásticas. Em 2023, integra o Projeto MIDD (Mirror Identity Drawings) um projeto assinado pela Carta da UNESCO (2023-PRESENTE). Participa nas Residências Artísticas GroundLAB-III Bienal de Ardósia de Valongo (2023); Residência Artística ‘A Base’ (Lisboa,2023/2024). Desde 2018 tem participado em diversas exposições em Portugal,

Em 2023, no Prémio Arte Jovem Millennium bcp x Carpe Diem, recebe as seguintes distinções: Prémio Aquisição Millennium bcp, Prémio Colecionador e Prémio Residência Artística *A Base*. No mesmo ano, recebe Menção Honrosa no Prémio Árvore das Virtudes (2023), Cooperativa Árvore, Porto.

Integra as seguintes coleções: Coleção Pública da Universidade do Porto — nomeadamente no ICBAS — no Arquivo de Desenhos da FAUP e FBAUP, Coleção Millennium bcp, Coleção João Luís Traça, Coleção Fernando Figueiredo Ribeiro, Coleção Ivo Martins (em depósito no Museu de Serralves), Coleção Rui Magalhães e em coleções privadas.

Mariana Maia Rocha



MARIANA MAIA ROCHA

Escrevo-te entre os devaneios do meu silêncio, 2024. Impressão fotográfica a laser a preto e branco em papel fine art de 150gm.

Cortesia da Artista.

MARTA CASTELO

Lisboa, 1980. Licenciada e doutorada em Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, é professora no curso de Escultura da mesma Faculdade e membro da unidade de investigação VICARTE. Foi bolsista do programa Erasmus na “Universität der Kunst Berlin” em 2004/2005. Realizou diversas residências artísticas na área de escultura cerâmica nas Oficinas do Convento em Montemor-o-Novo entre 2006 e 2023. Em 2010/2011 concretizou o Curso de Pós-Graduação Fotografia, Projeto e Arte Contemporânea, organizado pelo Atelier de Lisboa e IPA. Foi selecionada para os Prémios Anteciparte em 2006 e, desde então, tem organizado diversas exposições individuais e participado em inúmeras coletivas.

Os seus projetos centram-se na escultura cerâmica e, por vezes, na utilização da terra crua, criando instalações em que explora a relação entre a natureza e o homem, bem como as noções de perenidade e efemeridade. Para além disso, trabalha a vertente do desenho, que tem vindo a explorar também de modo tridimensional, a da criação fotográfica e da conceção de livros de autor/fotografia. Dos seus projetos editoriais destaca-se o livro PAPEL que integra as coleções do Centro Georges Pompidou, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação EDP e, mais recentemente, em 2023, o livro Construção Contínua. A sua obra está também representada na Fundação PMLJ e na Coleção MG.

Marta Castelo



MARTA CASTELO

Incandescência (fragmento 1), 2020-2021. Desenhos, tintas de barro sobre papel.
Cortesia da Artista.

PABLO PICASSO

Pablo Picasso (1881, Málaga, Espanha -1973, França) é amplamente considerado um dos maiores artistas do século XX. Desde jovem, demonstrou um talento extraordinário para o desenho, tendo sido influenciado pelo pai, que era pintor e professor de arte. Em 1900, mudou-se para Paris, onde começou a explorar novas formas de expressão artística, quebrando as convenções tradicionais.

O seu trabalho passou por várias fases, as mais conhecidas sendo o Período Azul (1901-1904), caracterizado por tons melancólicos e temas de pobreza e sofrimento, e o Período Rosa (1904-1906), com cores mais alegres e retratos de artistas de circo. Em 1907, Picasso chocou o mundo da arte com sua obra "Les Femmes d'Alger (O J)", que marcou o início do Cubismo, um movimento que ele co-fundou com Georges Braque. O Cubismo revolucionou a arte ao fragmentar objetos em formas geométricas e representar múltiplas perspectivas em simultâneo.

Além de pintor, Picasso também foi escultor, ceramista e gravurista. Sua obra-prima "Guernica" (1937), uma resposta ao bombardeio da cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola, é uma das mais poderosas declarações contra a guerra já feitas. Ao longo da sua vida, Picasso criou mais de 50.000 obras de arte, desafiando constantemente as normas e explorando novos estilos.

Ana Almeida

Inês Santos



Picasso

150/29

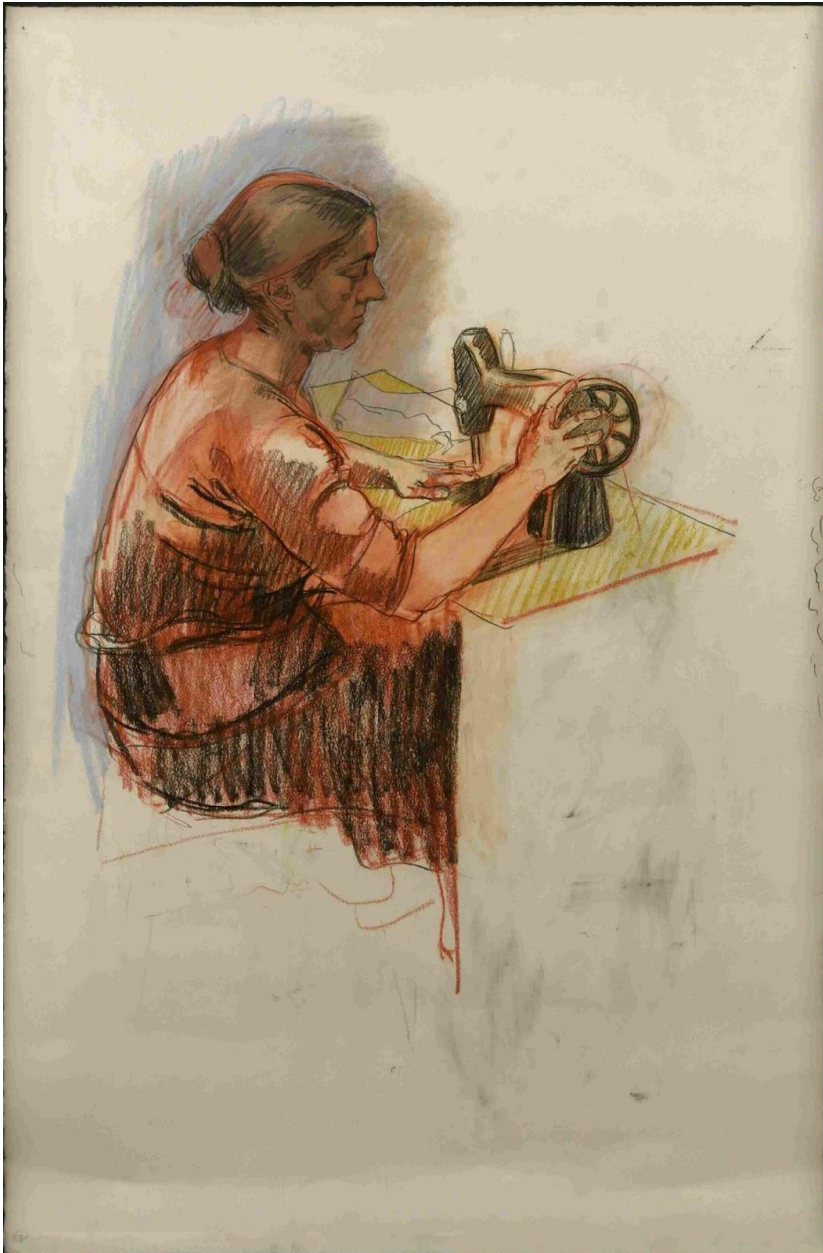
PABLO PICASSO

Suite Lysistrata. "Réconciliation des hommes et des femmes sous le signe de l'amour, 1943. Papel Vélín d' Arches, Gravura a água-forte. Coleção Millennium bcp.

PAULA REGO

(1935, Lisboa – 2022, Londres) Parte muito nova para Londres, onde inicia estudos na *Slade School of Fine Art* (1952-1956) e onde desenvolverá a sua atividade artística. Porém, imaginário e os contos populares e as recordações de infância serão as suas fontes principais de trabalho, donde extrairá um léxico figurativo próprio. Manifesta logo no início da sua carreira uma autonomia autoral que a destaca das principais tendências artísticas vigentes, do abstracionismo ao conceptualismo, privilegiando uma linguagem figurativa, através da qual compõe cenas surreais, misturando figuração e abstração, com um fino sentido satírico. Na década de 80 as composições complexificam-se acumulando no espaço pictórico uma constelação de animais ou seres híbridos na maioria dos quais a autora investe uma carga alegórica. Porém, a partir do início dos anos 90, quando se torna a Primeira Artista Associada da *National Gallery*, em Londres, o contacto com a pintura clássica faz com que as suas composições adquiram uma conceção espacial e figurativa naturalista, originando uma *mise en scène* que mantém, no entanto, a mesma carga dramática e intrigante transversal aos seus trabalhos. O reconhecimento internacional do seu trabalho dá-se nos anos 90. A sua produção tem sido mostrada desde 1988 (Fundação Calouste Gulbenkian) retrospectivamente, destacando-se as exposições na Fundação de Serralves (2004), Tate Britain (2005) e Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia. Em 2009 abriu ao público, em Cascais, a Casa das Histórias Paula Rego, dedicada ao trabalho da artista e do seu marido, Victor Willing.

Leonor Oliveira, [Site MNAC]



PAULA REGO

Seamstress,[não datado]. Grafite, pastel e carvão sobre papel.
Coleção Millennium bcp.

PRISCILA FERNANDES

(Coimbra, Portugal, 1981) Através de uma profícua produção artística que interliga pintura, desenho, instalação, fotografia, vídeo e publicações de livros, Priscila Fernandes centra o seu trabalho no ato de brincar enquanto um “processo social macro pedagógico edificante”. Alicerçada no interesse pelas temáticas da educação, do jogo e das dialéticas entre trabalho e lazer, a sua obra forja relações especulativas e ficcionais com a História da Arte. No seu trabalho, é frequente o encontro entre a alusão a figuras de tradição pictórica europeia e proposições especulativas sobre a contemporaneidade. Através de uma abordagem que alinha um repertório informal pela História a um carácter ficcional, são propostos questionamentos acerca da relação entre o tempo de produção e o ocioso, e da ideia de liberdade individual e coletiva – especialmente, no contexto da precariedade, da mercantilização do tempo e da ameaça de violência que paira sobre as sociedades contemporâneas.

Priscila Fernandes vive entre Portugal e os Países Baixos e é diretora da licenciatura de Belas Artes *BEAR* na *ArtEZ University of the Arts*, e do atelier de produção artística *Kunstwerk Kolderveen*.

Priscila Fernandes estudou no *National College of Art & Design* em Dublin e no *Piet Zwart Institute* em Roterdão. Foi artista residente na *Künstlerhaus Bethanien* em Berlim, na *IAPSIS* Estocolmo e no *Museum of Modern Art*, Dublin. Tem realizado exposições coletivas e individuais em diversas instituições, de entre as quais se destaca: *Incerteza Viva –32ª Bienal de São Paulo* com a instalação *Gozolândia e Outros Futuros*. É vencedora do Prémio *Brutus*, em 2018 (AVL Mundo, Roterdão) e do Prémio *EDP Novos Artistas*, em 2011 (Fundação EDP, Lisboa). Entre as suas publicações destacam-se *The Book of Aesthetic Education of the Modern School* (2014), *The Waterslide of Modern Art* (2022), *Idleness' Owl* (2022) e *Rusted Armour, Skin of Dreams* (2023).

Priscila Fernades



PRISCILA FERNANDES

Naar de Speeltuin (Ao recreio!), 2012. vídeo HD, 16:9, 8 min, a cores, som.
Cortesia da Coleção António Cachola.

SOFIA DE SOUSA

Sofia Martins de Sousa nasceu na freguesia do Bonfim, no Porto, a 23 de fevereiro de 1870, sendo batizada a 28 de agosto desse ano, no mesmo lugar. Era filha de António Martins de Sousa e de Olinda Peres e irmã da conhecida pintora Aurélia de Sousa.

Em 1885, inscreveu-se na Academia Portuense de Belas-Artes, onde foi discípula do mestre Marques de Oliveira.

Em 1898, juntamente com a irmã Aurélia de Sousa, e a expensas de sua sobrinha D. Lucinda Augusta Dias Gaspar, partiu para Paris para frequentar a École des Beaux Arts, tendo tido por mestres Jean Paul Laurens (1838-1921) e Benjamim-Constant (1845-1902).

Como pintora e desenhadora dominou as técnicas da pintura a óleo e do pastel, com as quais representou Naturezas Mortas, Paisagem, Retrato e cenas de interiores. Figurou com pinturas na XIII Exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, em 1916, e nas exposições seguintes. Quais exposições seguintes?

Sofia Martins de Sousa faleceu a 28 de novembro de 1960 na Quinta da China, na zona oriental da cidade do Porto, com 90 anos de idade.

[U. Porto, Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto]

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) com a sua missão definida na sua criação, em 1911 e reafirmada na sua reabertura em 1994, com pressupostos relativos ao estudo das coleções e a sua ampliação ao contemporâneo, continua a investigar e divulgar a história e a criação artística portuguesa de 1850 à atualidade, potenciando o conhecimento dos contextos de criação, e ampliando as relações entre arte, história, pensamento, ciência e vida quotidiana.

Na sua atividade, o MNAC procura criar condições para o diálogo entre a sua e outras coleções, públicas e privadas, nacionais e internacionais, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do panorama artístico nacional e para a internacionalização da arte portuguesa no espectro temporal do museu e nas várias áreas de expressão artística das obras na sua coleção.

Com uma programação expositiva em estreita relação com a programação do Serviço Educativo, o Museu visa chegar a diversos públicos, de diferentes faixas etárias e distintos níveis de literacia artística, constituindo-se como um espaço de conhecimento e reflexão do nosso passado artístico oitocentista e novecentista, mas também de acolhimento crítico das propostas artísticas contemporâneas, e assumindo assim plenamente a sua coleção e a missão com que a República o constituiu.

FUNDAÇÃO MILLENNIUM BCP

A Fundação Millennium bcp recebeu uma Medalha de Mérito Cultural em 2015, atribuída pelo Presidente da República e é Membro-honorário da Ordem do Infante D. Henrique, desde 2018. Inserida no contexto das políticas de solidariedade social e de mecenato cultural institucional, define-se como agente de criação de valor na sociedade. Das diversas áreas da sua intervenção, destacam-se a recuperação de património, o apoio à arquitetura e às artes visuais, à música e à solidariedade social.

Nesse sentido, procura apoiar várias iniciativas que alinhem com os valores do Millennium bcp e simultaneamente satisfaçam algumas das principais necessidades identificadas nestas três áreas de atuação – Cultura, Ciência e Conhecimento e Solidariedade Social – em Portugal e noutros países onde o Millennium bcp desenvolve a sua atividade.

A relação mecenática da Fundação Millennium bcp com o Museu Nacional Arte Contemporânea (MNAC) atingiu um novo patamar com a abertura da nova Galeria Millennium bcp, no dia 21 de junho de 2021, neste museu nacional.

Numa relação única e inédita em Portugal, recuperando um espaço até então degradado, a Fundação Millennium bcp dotou o museu de uma nova ala, aumentando o seu espaço expositivo e contribuindo para a reafirmação pública do museu na contemporaneidade.

Partindo do diálogo entre as coleções do MNAC e do Millennium bcp, e de outras coleções nacionais e internacionais, públicas e privadas, este novo espaço assume-se como laboratório. A programação, da responsabilidade do MNAC, apresenta curadorias internas e/ou de curadores convidados, e conta sempre com o mecenato da Fundação Millennium bcp.

UMBIGOLAB

A UmbigoLAB é, como a própria expressão indica, um laboratório de experimentação para a arte que procura articular o discurso curatorial com a obra artística. Nesta perspetiva, é também um espaço de exposição e de reflexão sobre a modernidade e a contemporaneidade..

Baseado num sistema de rede social e de networking, e composto por artistas e curadores, a UmbigoLAB tem como objetivo paralelo criar empatia, sinergias e estabelecer uma onda colaborativa nos vários espectros do sistema da arte (artistas, curadores, galeristas, diretores de museus e outras instituições orientadas para a arte).

Tendo em conta o meio em que se desenvolve – a Internet – a UmbigoLAB pretende, de igual modo, promover a arte digital, híbrida e de multimédia, ao mesmo tempo que estimula o pensamento sobre a exposição de obras e conteúdos nestes contextos.

A UmbigoLAB é uma plataforma generativa, compulsiva, plural e recursiva, em que cada interveniente acrescenta, dilata, partilha, promove, infinitamente, a arte.

Na atomização crescente das sociedades modernas, a UmbigoLAB é facilitadora de diálogos e experiências comunais, criadora de laços e agenciadora de vínculos, criando uma grande comunidade arreigada ao mundo da arte.

Diferencia-se das restantes redes sociais por uma estratégia de publicação exclusiva para artistas e curadores, que a ela têm acesso apenas por convite. Junta-se a isto um Painel de Consultores/Advisers composto por artistas, curadores, diretores, críticos e académicos consagrados que legitimam e dão destaque a trabalhos de artistas.

COLÉGIO DAS ARTES

O Colégio das Artes é uma unidade orgânica da Universidade de Coimbra que opera no campo da arte contemporânea, na sua relação com a arquitetura, o cinema, a curadoria e as artes performativas, numa ótica transdisciplinar. Com uma perspetiva transversal aos vários domínios do saber que têm vindo a dedicar-se ao estudo e à produção artísticas, o Colégio das Artes situa-se na confluência entre a investigação científica, a produção de saber e a própria criação, numa perspetiva de retrospetção, isto é, perspetivando o presente e o futuro das práticas artísticas a partir de um conhecimento da sua história, das questões estéticas e da reflexão teórica e crítica que suscitaram. O Colégio das Artes procura constituir-se como uma instituição que, operando na área do conhecimento sobre as práticas artísticas, a sua investigação e mesmo a sua prática criativa, desenvolve várias formas de ensino, formação e investigação numa estrutura funcional multifacetada.

LABORATÓRIO DE CURADORIA

O Laboratório de Curadoria, afeto ao Mestrado em Estudos Curatoriais do Colégio das Artes, é um espaço ensaístico para a prática curatorial em contexto formativo. Tendo como premissas primeiras a experimentação e o questionamento, opera segundo dinâmicas metodológicas de ação e participação. Nele são concebidos e desenvolvidos projetos que investigam e exploram o conceito de situação, em que o contacto direto dos vários agentes potencia um processo colaborativo e coletivo.

Juntos, artistas convidados, alunos, docentes e comunidades várias, ensaiam pedagogias ativas assentes na dinâmica problem-oriented, project-based learning expandindo, em simultâneo, o entendimento do espaço expositivo e da própria sala de aula. Da intersecção de ambos, nasce o Laboratório e deste, emerge uma zona de contacto, um território híbrido que se edifica no interstício entre as práticas artísticas e curatoriais e a educação. A par de uma formação teórica, os alunos encontram no Laboratório uma possibilidade de testagem, de resolução de problemas e de implementação de projetos que articulam vários saberes e linguagens.

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

ENQUANTO ISSO //

MEANWHILE

13.12.2024 -

02.03.2025

ORGANIZAÇÃO | ORGANIZATION

Museu Nacional de Arte

Contemporânea

Fundação Millennium bcp

UmbigoLAB

Colégio das Artes – Universidade de Coimbra

DIRETORA | DIRECTOR MUSEU

NACIONAL DE ARTE

CONTEMPORÂNEA

Emília Ferreira

DIRETORES | DIRECTORS

UMBIGOLAB

Elsa Garcia

António Nêu

COORDENAÇÃO | COORDINATION

MESTRADO EM ESTUDOS

CURATORIAIS

Ana Rito

José Maças de Carvalho

CURADORIA | CURATION

Ana Almeida | Ana Carolina Esteves |

Inês Santos | Joana Encantado |

Juliana Carvalho | Victoria Lacerda |

Mestrado em Estudos Curatoriais do

Colégio das Artes, Universidade de

Coimbra

PRODUÇÃO | PRODUCTION

Regina Branco (coordenação |
coordination)

Ana Guimarães (coordenação |
coordination)

Ana Almeida (colaboração | collaboration)

Juliana Carvalho (colaboração |
collaboration)

Victoria Lacerda (colaboração |
collaboration)

Michelle Brito (Apoio à produção |
support)

LAYOUT | LAYOUT

Mestrado em Estudos Curatoriais
do Colégio das Artes,
Universidade de Coimbra

TEXTOS | TEXTS

Ana Almeida

Inês Santos

Victoria Lacerda

COMUNICAÇÃO | COMMUNICATION

Mónica Fonseca (coordenação |
coordination)

Ana Carolina Esteves (colaboração |
collaboration)

Joana Encantado (colaboração |
collaboration)

DESIGN GRÁFICO | GRAPHIC DESIGN

Stolen Books

Ana Carolina Esteves (colaboração |
collaboration)

Joana Encantado (colaboração |
collaboration)

EDUCAÇÃO | EDUCATION

Hilda Frias (coordenação|
coordination)
Mestrado em Estudos Curatoriais
do Colégio das Artes, Universidade
de Coimbra

MONTAGEM | EXHIBITION INSTALLATION

SGLDA
António Rasteiro
Alberto Gomes
Mestrado em Estudos Curatoriais
Do Colégio das Artes, Universidade
de Coimbra

TRANSPORTE | TRANSPORTATION

SGLDA

SINALÉTICA | SIGNAGE

Urbanink

CONSTRUÇÃO | CONSTRUCTION

J.C. Sampaio, Lda

SEGURO | INSURANCE

Lusitânia

MECENAS EXCLUSIVO | EXCLUSIVE SPONSOR

Fundação Millennium bcp

PATROCÍNIO | CONTRIBUTION

Robbialac

INFO

Morada:

Museu Nacional de Arte Contemporânea

Rua Serpa Pinto, 4

Rua Capelo, 13

1200 - 444 Lisboa

Coordenadas GPS:

38.705034, - 9.161389

Horário:

Terça-feira a domingo das 10h às 18h

Contactos:

geral.mnac@museusemonumentos.pt

laboratoriocuradoria@gmail.com

Organização:



Apoios:

